

A sétima sinfonia de Píndaro

RUBENS DOS SANTOS

I. PROPOSIÇÃO

Da gesta dos heróis homéricos à rumorosa celebração dos campeões de Píndaro é muito pequena a diferença de significado quando situamos os fatos no contexto da “paidéia”. A fúria de Aquiles ceifando cabeças troianas não é maior exemplo da inefável “kalekagatheia” que a dextreza, elasticidade ou resistência do bem louvado Diágoras, o supercampeão olímpico. Se distanciamento houve no tempo, em ambos os casos a meta era “o apogeu do divino na forma humana”. E se os tempos mudaram foi para ensejar a todos, até à Arcádia e à Tessália, rudes e bronzas, a honra de celebrar seus campeões, tão diferentes embora do belo ideal da nobreza arcaica.

Para que a “aretê” de um campeão olímpico ou de um herói épico assumisse seu valor funcional no processo da “pampaidéia” fazia-se necessária ampla divulgação através das “póleis” a fim de se tornar exemplo ou meta coletiva. Nisso repousou a importância da rapsódia guerreira, no apregoar a solidez do entranhamento das raízes nacionais, bem como a relevância dos cronistas esportivos na divulgação de modelos e na exaltação das técnicas atléticas como suporte da firmeza da árvore nacional.

E não foi, quanto ao atletismo, outra a função do poeta PÍNDARO, verdadeiro cronista esportivo profissional. Não apenas como um divulgador barroco dos esportes da moda, mas, muito mais, como um perseguidor da perfeição divina revelada na capacidade de esforço dos campeões pan-helênicos que, no seu tempo, anterior ao da guerra do Peloponeso, provinham ainda da alta

nobreza grega. Prevalencia então o prestígio do costumário da era anterior à avalanche populista do século V. A colorida descrição da vida nos poemas homéricos traz a marca da nobreza de sangue e PÍNDARO, em suas odes triunfais, ou epinícias, sempre se apresenta como um nobre muito cômico da superioridade de sua estirpe, cujo ímpeto de auto-superação representaria incentivo à permanência e progresso da gente grega e, conseqüentemente, através dela, como modelo, de toda a raça humana.

Esse mesmo PÍNDARO foi extremamente feliz — é isso que pretendemos demonstrar — quando celebrou os feitos atléticos de Diágoras de Rodes, filho de Damagetos, supercampeão dos jogos. A fama do vencedor amarrou-se para sempre a glória do celebrante. Ao imenso vozeio humano que, no momento da celebração do herói, se elevou aos céus, enformado no planger da lira e nos trinados do óboe, queremos, por uma analogia fácil de ser percebida, chamar de A SÉTIMA SINFONIA DE PÍNDARO. Porque julgamos que a “mercadoria fenícia”, tão pura e perfeita, cumpriu seu papel de, através dos ouvidos, arar e semear a inteligência para a colheita do ideal da “paidéia” ligando de modo harmonioso “aretê” e “sophrosine”.

II. OS JOGOS E A GRÉCIA

Cada “pólis” grega era como um gomo de laranja: independente, fechado dentro de si, autônomo e autárquico, mas, ao mesmo tempo, recebendo seu sumo e vitalidade de um conceito de helenicidade alicerçado na identidade de projetos e plantado na comunidade cultural, num somatório que se opunha aos “bárbaroi” como uma laranja se opõe ao cipoal e ao ervaçal circunstante.

Os gregos foram, durante longo tempo, um povo cimentado por “hegemones”, grandes chefes aristocratas que, ao menos até Clístenes de Sícion, imprimiram à vida nacional o toque de nobreza que se espelha em Homero.

È dessa nobreza em armas que sai o conceito de “aretê” em que se baseou a “paidéia” grega até os tempos posteriores à guerra do Peloponeso.

Tal contexto, de maneiras elegantes e gestos cavalheirescos, aliados à suprema coragem e aptidão extrema para defesa da fé e da terra dos maiores, estabeleceu, a par da adequação de rituais religiosos, o culto de heróis atléticos bem preparados para a guerra e para as atividades da paz. Não se tratava, de forma alguma, do culto à só força bruta, ou ao “entusiasmo de carroceiros” ou de “desordeiros brigando a socos” como zombaria Voltaire.

É que os helenos, embora não houvessem alcançado aglutinar toda a nação num só corpo político, tinham já consciência de sua unidade e da unidade de suas aspirações.

Num contexto assim, além de patrocinar a união cívica ou a necessidade de se afirmar perante um mundo inimigo, o atletismo helênico, transmudado em espetáculo cívico, contribuiria para o adextramento físico dos jovens para a guerra, atendendo a um anseio da educação clássica antiga, que se baseava no culto do corpo como suporte de um espírito robusto.

As estátuas gregas de atletas, isentos de brutalidade na sua perfeição plástica, na expressão de suas faces nobres, no perfeito contorno de suas formas corpóreas, atestam um belo e sadio culto do corpo, sustentado com graça e sorriso, elevado por um semblante sereno que enobrece e espiritualiza. O mesmo refletem a arquitetura grega e a filosofia, a prosa e a poética e a pintura dos vasos de cerâmica, sem que haja, na formação grega, dicotomia entre corpo e espírito.

III. OLIMPIADAS

Entendemos, à vista do exposto, que o desenvolvimento harmonioso do indivíduo em suas manifestações do agir e do pensar é característica marcante da civilização grega. O atletismo, que forma soldados ágeis e fortes, são e vigorosos, está na base dessa cultura e as ODES TRIUNFAIS de Píndaro, que celebram a glória dos cidadãos vencedores nos grandes jogos, são a expressão de um dos instintos nacionais mais profundos e duráveis. A imensa influência dos jogos era fruto de sua sacra ritualidade, como parte que eram

de cerimônias culturais em honra de deuses. Tanto que eram celebrados durante festejos religiosos em lugares considerados santuários.

Em Olímpia, de quatro em quatro anos, no solstício do verão, exaltava-se a glória de Zeus; em Delfos, comemorava-se a vitória de Apolo sobre a serpente Pithon; em Neméia, na Argólida recordava-se e exaltava-se Zeus Nemeio e, finalmente, no Istmo de Corinto, celebrava-se Poseidon.¹ E esses deuses tornavam-se propícios, as palmas abertas para a efusão de bênçãos.

Hoje, aceitamos como natural a separação entre culto religioso e realizações atlético-esportivas, como natural também parece separar tais manifestações das expressões patrióticas e políticas mas, ao tempo de Píndaro, não era assim. Ligavam-se o sentimento cultural, o sentimento pan-helênico e patriótico com o sentimento esportivo nos exercícios físicos. Tudo isso se mostra de maneira clara em Píndaro, um religioso-patriota, em suas odes, que são, ao mesmo tempo, hinos religiosos e pregões cívicos. A "pólis" do homem comum torna-se, nele, a mesma "pólis" dos heróis e dos deuses. O herói vencedor era um super-homem que adquiria como que uma parcela da glória da divindade e, por isso, recebia honrarias e homenagens da "pólis" onde os jogos se celebravam e passava a ser considerado como a glória de sua família e um estandarte de honra para sua cidade natal. Isso por se entender que o vencedor não se colocava em evidência graças apenas ao seu talento pessoal mas, também porque uma divindade o havia distinguido e marcado. E essa honra o seguia pelo resto de sua vida. O que mais importava não eram os prêmios de ordem material. A própria coroa que lhe cingia a cabeça após a vitória nos jogos píticos era um ramo de loureiro e, nos jogos olímpicos, da oliveira que o próprio Hércules teria trazido das regiões hiperbóreas fazia-se a coroa do herói. Mesmo quando caíssem as folhas verdes desses ramos, não conheceria outono o renome de quem um dia os ostentara frescos sobre a fronte. Nas cidades-natais, pensionados do pritâneo, teriam, pelo resto da vida, assento ao lado dos magistrados, no pico da cordilheira da glória. Mas, a mais doce e afável homenagem ao

1. JEAN CHEVALIER, p. 50.

campeão consistia na ode triunfal ou epinício entoado em sua honra pela boca do imenso cortejo que o conduziria ao templo, onde iria depor aos pés da divindade a coroa que o helanódico² lhe havia posto sobre a cabeça, restituindo à divindade o que a divindade lhe dera.

Além do mais, os jogos interiorizavam no homem a harmonia e o equilíbrio pela valorização do indivíduo no interior da "pólis". Simultaneamente, pela afluência de competidores de toda a parte, pela aglomeração das pessoas, não havia, durante os jogos, apenas exercícios físicos mas, também certames intelectuais, recitações de autores clássicos, culto religioso. E todos se colocavam a par do momento histórico. A emulação que levava à vitória nos jogos fazia com que as "pólis" individualmente agraciadas acabassem por sacrificar aos poucos o seu isolamento egoísta em favor de uma união generosa que as abriria e libertaria para a posse e consciência da nacionalidade pan-helênica.

Dessa comum emulação destacava-se uma cidade-líder, mãe e cérebro das outras (metrópole) que passaria a ser como um fundamento da textura nacional.

Esse era o ideal do atletismo grego, tão sublime que quase não há poeta algum de nomeada que a ele não se refira.

Os mesmos trágicos, tão altos em seus pedestais do drama psicológico moral e transcendente, não hesitavam em apresentar na cena descrições olímpicas. Assim, em *ELECTRA*,³ Sófocles descreve uma corrida de carros atrelados. Antes dele, Homero já descrevera os jogos fúnebres em homenagem a Pátroclo e o pugilato gravado por Hefestos no escudo de Aquiles. Filósofos e historiadores ecoam os poetas. Platão, assim como Xenofonte, tem inúmeras passagens em louvor e defesa de tais exercícios. Assim também o Sócrates de Platão. Haja vista quando repreende a Epígenes a fraqueza de seu corpo e lhe diz que todos os homens devem robustecer os músculos nos campos de esportes a fim de estarem prontos para as lides bélicas

2. Juiz dos jogos olímpicos.

3. vv. 680-773.

em defesa da pátria.⁴ Aristóteles chega a propor a formação física e a excelência nos jogos como base necessária ao aperfeiçoamento intelectual.⁵

Todos quantos sonhavam com a glória maior procuravam destacar-se em Olímpia. Aí os artistas expunham seus trabalhos. Aí e então, os sofistas Hípias e Górgias faziam conferências; oradores, como Lísias e Isócrates pronunciavam discursos e Heródoto entusiasmava a multidão lendo-lhe fragmentos de suas HISTÓRIAS.

Assim eram, na fonte original, fluindo da escharpa cultural grega, os jogos que depois receberam o nome genérico de olímpicos, eclipsados os nomes dos outros três: a mais antiga disputa esportiva e atlética internacional (metapólica?) de amadores que ainda hoje se realiza de quatro em quatro anos.

Esses jogos se iniciaram em 776 a.C., mas, em virtude de evolução do contexto histórico-social acabaram por perder presígio até serem abolidos em 394 d.C. por Teodósio I, por inspiração de Santo Ambrósio.

Os jogos píticos, que se realizavam no terceiro ano de cada olimpíada, iniciaram-se em 586 a.C. e terminaram quase no mesmo tempo que os olímpicos, os ístmicos, que se realizavam de dois em dois anos no meio do verão, e os nemeenses, disputados no primeiro, segundo e quarto anos dos jogos olímpicos.

Em 1896, Pierre de Coubertin organizou os primeiros jogos olímpicos modernos em Atenas. A partir de então, passaram a ser realizados de quatro em quatro anos em diferentes cidades, exceto em 1916, 1940 e 1944. Em 1924 iniciaram-se em Chamonix, na França, as olimpíadas de inverno. Em 1972, os jogos de Munich foram marcados pelo assassinato de 11 dos competidores. Em 1976, 21 países africanos retiraram-se dos jogos em protesto contra a participação da Nova Zelândia que fizera uma "tournée" de "rugby" pela África-do-Sul racista. Em 1980 inúmeras nações abstiveram-se de comparecer aos jogos de verão em Moscou em protesto contra a invasão do Afeganistão pelas tropas russas.

4. *Politéia* III, 403-4 e IV, 424 e segs.

5. *Política* IV, 16 e V, 3.

IV. O POETA E SUA OBRA

Supremo galardão do herói atlético vencedor dos jogos, era, pois, o epinício ou ode triunfal feita sob encomenda e paga ao poeta que a compunha e dirigia, como maestro, uma cantata em procissão triunfal, elevando e celebrando os feitos daquele, a glória de sua gente, de sua pátria, de seus deuses.⁶

Consideraremos os EPINÍCIOS ou ODES de Píndaro, cronista esportivo profissional dos mais competentes cujas aparentes obscuridades devidas a uma estrutura calidoscópica derivam também de alusões repetidas a gentes e fatos contemporâneos seus que desconhecemos e a lendas e mitos que, se perfeitamente compreendidas por seus ouvintes, podem, no entanto, emaranhar o leitor moderno sem boa formação clássica. Além do mais, seus textos são de difícil tradução porque são, no original, carregados de inimitável musicalidade.

O homem grego era menos um indivíduo que um componente da família ou do estado, membro da colônia biológico-institucional chamada "pólis", parte de uma raça, engrenagem de u'a máquina social. Por isso, Píndaro, ao cantar a glória do vencedor, estabelecia conexão entre ele e o passado de sua raça ou país. Só depois de assim compartimentá-lo, Píndaro examinava-lhe os aspectos do destino e do mérito. Em outras palavras: cantava sua boa estrela e sua habilidade, sua "olbos" e sua "aretê". Enquanto a ênfase caía sobre o destino feliz, a boa sorte do vencedor, seguiam-se invariavelmente nas odes os indispensáveis conselhos sobre os perigos da "hybris". Nisto, Píndaro manifesta-se profundamente grego. Nesse medo da inveja dos deuses ("phthonos theon") que verberam os homens felizes demais com os castigos decretados pela Nêmesis.

6. "É hora, Fintis meu,
De logo preparares meus cavalos
Para que eu possa, com as rodas das quadrigas,
Percorrer a pista ilustre deste canto
E chegar à descendência dos heróis."

(*Odes Olímpicas* — VI, 27) — (Todas as traduções aqui propostas são do autor do ensaio).

Beócio, de Cinoscéfalos, nas vizinhanças da grande Tebas traidora de Atenas, ele nasceu em 521 da família dos Egidos e morreu em 441 como um dos mais puros representantes do espírito délfico.⁷ Poeta lírico desde muito cedo, foi aluno de música do flautista Scopelinos e teve como mestres de arte poética as consagradas poetisas Corina e Mirto. Mas, em Atenas sua educação se completou quando conheceu Simônides de Céos. Aos vinte anos compôs a cantata que é conhecida como a 10ª Pítica. O brilho de sua glória, no entanto, é posterior a Salamina. Nessa época compôs os DITIRAMBOS ATENIENSES, as ODES A HIERÃO DE SIRACUSA, a THERÃO DE AGRIGENTO, verdadeiras sinfonias de que foi criador e maestro.

A partir de 473, ficaria longo tempo na siciliana Siracusa e visitaria Cirene em 465. Esteve na Macedônia onde tanta admiração causou a Alexandre I que este, por ocasião do saque de Tebas, ordenou que lhe poupassem a casa. Sua última ode é a OITAVA PÍTICA. Logo após morrer cumulado de honrarias, foi considerado um clássico. Seus poemas, reunidos inicialmente em dezessete livros, foram, pelos alexandrinos, classificados em sete grupos: HINOS, PEÃS, DITIRAMBOS (2) PROSÓDIA (2), PARTENÉIAS (3), HIPORQUEMAS (2), ENCÓMIOS, TRENOS e EPINÍCIOS (4).

Na íntegra, ou quase, temos apenas os EPINÍCIOS ou ODES TRIUNFAIS. Das outras obras restam apenas fragmentos.

Os EPINÍCIOS são, pela elevação das idéias, pela beleza dos mitos despojados de torpezas, pelo brilho das imagens, pelo poder da invenção, pela riqueza e variedade dos ritmos, pela penetrante poesia que a tudo envolve, a obra prima do lirismo grego.

São quatro livros correspondentes aos quatro jogos da Grécia clássica. Neles, compostos a pedido, “como mercadoria fenícia”, como ele mesmo nos informa, mostra-se poeta genial, sereno, independente e franco.

7. JEAN CHEVALIER, p. 30.

Elogia os heróis e suas vitórias mas, não se esquece de lembrá-los de que “o homem é o sonho de uma sombra”,⁸ na plena consciência de sua arte.

Seu ideário moral é decorrência de seu credo religioso em que, quase monoteísta,⁹ os deuses, escoimados do ridículo e da grosseria constantes aqui e ali da tradição, são como que epifanias do Deus Pai. Elogia a virtude¹⁰ e a moderação, mas confia na força.¹¹

Prega o amor ao prazer e o ódio ao inimigo.

Segundo Píndaro, deuses e homens teriam a mesma grande mãe, a excelente Gaia.¹² Os deuses, para ele, são apenas mais poderosos, enquanto, em verdade, os homens não são nada. Exatamente por esse imenso desnível, temos de ser moderados.¹³

Píndaro aceita a metempsychose e crê na Justiça “post-mortem” com castigos e recompensas.

Em política, foi um conservador, zeloso da ordem pública, que, só via benefícios na existência do poder se este estivesse em mãos da aristocracia a quem recomendava que governasse com brandura.

Dele, Quintiliano diria: “Lyricorum longe princeps”.¹⁴

Porque as odes de Píndaro refletem o brilho de Olímpia. Seus versos opulentos e brilhantes são chispas da fulguração de Olímpia em variadíssimas formas. No mármore, nos templos, na púrpura dos embaixadores e dos príncipes. Tudo isso dentro da ânfora musical dos coros líricos, com a majestade dos ritos sacrificais, no grandioso palco natural de Olímpia sobre que se derrama em golfadas o fulgor de neve das montanhas arcádicas.

8. “O homem é o sonho de uma sombra!

Se, no entanto, um raio da luz divina nele descansa,
Um halo brilhante o envolve
E sua vida se torna doce.” *Píticas* VIII, 9 e segs.

9. JEAN CHEVALIER, p. 40.

10. *Istmicas* IV, 49.

11. *Olímpicas* VI, 9-14.

12. *Neméicas* VI, 1.

13. *Píticas* III, 21.

14. “De longe, o Príncipe dos Líricos” — 10-1-61.

É dessa Olímpia que ele diz no pórtico da PRIMEIRA OLÍMPICA:

“Se queres cantar grandes competições,

Prêmios atléticos,

Não procures uma estrela

Que possa rivalizar

Com a luminosidade alegre

Do Sol!

Nem penses em elogiar

Sede de festivais

Mais gloriosa que Olímpia!”

Ele o diz no típico verso pindárico em que se espelha a mobilidade das corridas e o zunir dos discos e dardos na freqüente mudança de imagens e de ritmos.

Havia em tudo uma intenção. O Sagrado Chão onde se desenvolvia o espetáculo havia de lembrar aos espectadores os grandes heróis da raça helênica.

Em verdade, o herói dos jogos não lhe toma, a Píndaro, muito espaço da ode. Logo vincula seu tema a alguma lenda de heroísmo e compara o atleta a algum herói, deus ou semideus do passado ou da magia mítico-histórica.

Além do mais, o pan-helenismo estava presente e absorvente em toda a sua obra. A expansão colonial levava os gregos em viagens e talvez isso os afastasse do espírito da mãe pátria. Ao revisitá-la para as festas, voltavam para as colônias com os olhos cheios de mármore bem talhado e os ouvidos re-suavizados pelas tiradas imortais de Êsquilo, de Sófocles ou de Eurípides. E essa reimpressão maravilhosa seria uma espécie de escudo contra as influências bárbaras do outro lado do mar. Dóricos e jônios se abraçavam no entusiasmo de uma mesma “torcida” e a alma grega se espelhava num só e imenso olhar aberto para o céu anilado de Olímpia, ou para a estatuária de Fídias ou Praxiteles. Ateniense, espartano ou algum bronzeado soberano da Sicília — pouco importa — o vencedor por Píndaro celebrado era definitivamente *um grego*.

Parece que Píndaro conseguiu atingir o alcandorado ideal que anunciara a Hierão de Siracusa nos últimos versos da Iª OLÍMPICA:

“Praza aos céus
Que entre campeões eu viva,
Como o melhor cantor
De todo o mundo,
Entre os Helenos!”

Sem dúvida, Píndaro é como um Miguel Ângelo da poesia, o inimitável:

“Aquele que pretenda imitar Píndaro,
Caro Iulo,
Em penas coladas de cera dedálea
Se estriba.

E dará seu nome ao oceano translúcido.”¹⁵

V. SÉTIMA SINFONIA

Estava pensando na apoteose da Sinfonia Pastoral de Beethoven enquanto alinhavava estas considerações. Eis que, em Lindos, no templo de Palas Atenéia, toda em letras de ouro, uma ode triunfal de Píndaro, a SÉTIMA OLÍMPICA, foi gravada. Que motivos haveria de tanto apreço para com um epinício? É que, a ode, composta em 464, tinha como objetivo exaltar os feitos de Diágoras — o supercampeão — e, com ele, a Ilha de Rodes e sua cidade de Lindos. Mas, além disso — convenhamos — trata-se de uma peça de arte de fina elegância e deleite.

É uma ode de cinco tríades que reserva três delas para a glorificação da Ilha-Esposa-do-Sol. Ilumina-lhe os mitos e louva sua gente.

Aí, o lirismo coral, com sua linguagem sumamente exornada, não é, apesar de algumas formas dialetais esparzidas pelo texto, uma lírica dórica. Tal nunca existiu. A alma da arte grega era jônica. Pode-se falar de lírica jônica, de lírica lésbia e até mesmo

15. HORACIO. *Odes*, VI, 1.

de uma lírica beócia. Mas, lírica dórica, tal nunca existiu. Os dóricos não chegaram a ser artistas, nem filósofos, nem mesmo escritores originais. Eram conquistadores que chegaram muito tarde à Grécia e à pura força, amestraram alguns pobres agricultores amedrontados.

Nas epopéias vemos as marcas dos aqueus, os traços e a redação eólios. Dos dóricos nem sombra! Não encontramos, assim, uma lírica que repouse sobre poesia popular dórica.

A lírica foi, muitas vezes, dedicada aos ouvidos dóricos — isso é outro fato — mas, não pelos dóricos. Estesícoro era de Himera sobre o Mar Tirreno; ÍBICOS, de Rhegion, na Magna Grécia e, pois, um jônio. Dóricos não foram nem Semônides nem Baquilides. Nem Píndaro.

Se, no entanto, dissermos que o meio dórico forneceu os motivos, o material rude à arte poética de grandes talentos vindos de fora, explicaremos, em parte, a razão do artificialismo da linguagem.

Dos rituais religiosos de base dórica teria saído a lírica coral porque foi exatamente entre os dóricos que mais floresceu o exercício da vida pública que tanto absorvia o cidadão.

Os jônios e os eólios seriam, talvez, mais individualistas, enquanto o grupalismo era uma das características do dório. Daí a necessidade de uma expressão para grupos,¹⁶ para a multidão.

O mistério do rito levou aos símbolos que pretendiam ser esotéricos, de linguagem compósita. Não a linguagem dórica cotidiana. Só um fundo dórico adequado às exigências de publicismo da “pólis”.

Píndaro, assim, teve de, sacrificando o espontâneo ao artificial, tornar mais geral uma forma e evitar a particularização jônio-ática. Não se tratava de doricizar a forma, mas de tirar-lhe as marcas características de um só dos dialetos para adaptá-la à generalidade grega de modo multiabrangente. Por isso, a linguagem compósita desse gênero lítero-musical em que as palavras deviam, a um só tempo, evocar raciocínios e emoções e deleitar pela pura sonoridade, buscava, como abelha, o pólen de muitas flores.

Toda a Grécia devia ouvir essas cantatas e nelas ouvir-se, inclusive os ásperos dóricos e os singelos beócios.

16. MEILLET, p. 200.

Por esse caminho (doricizar para universalizar) seguiu também a SÉTIMA OLÍMPICA e, nisso também, ela se esmera, preciosa e burilada.

Nos 175 versos desse epinício os exemplos dessa busca de diversidade de linguagem na comunhão nacional, que era o entendimento através dos jogos, são abundantes a ponto de dispensarem citação e mostram precisamente uma expressa determinação de afugentar o tom local, esfarinhando sobre tudo uma helenicidade onde cada "pólis" se reconhecesse.

A um primeiro exame, os versos de Píndaro, já, pois, sem unidade dialetal, pela presença calculada de termos peregrinos, parecem emaranhados. Sente-se, quase sem esforço, no entanto, a visão bela, colorida, calidoscópica, uma catadupa de imagens e sons fabulosos e profundos em que se nota até mesmo o artificialismo dos "enjambements", incrementando o aspecto de belo alarido que tantos a Píndaro censuram.

Na SÉTIMA OLÍMPICA, há um ritmo de 4/3, uma espécie de metro anapesto-jâmbico ou dáctilo-epitritico. De qualquer forma, são quatro sílabas opostas duas a duas na razão 4/3, ou seja: cada pé formado por um troqueu ou um jambo mais um espondeu, e não necessariamente nesta ordem.

Sobre tudo, a variação de modos é imensa. Em verdade, um verdadeiro triunfo da invenção rítmica que visa um efeito musical:¹⁷ dáctilos na medida de sete tempos, em epítritos ou anapestos com jâmbicos.

Sem nos esquecermos da música em que a letra se enroscava como trepadeira em arbusto complacente.

A "aulos" e a "phorminx" eram os instrumentos que acompanhavam esse canto coral.¹⁸ É hábito traduzir-se "phorminx" por lira ou cítara pequena¹⁹ e "aulos" por flauta.

Talvez fosse melhor, à vista de gravuras da época postas em cerâmicas e afrescos traduzir-se "aulos" por óboe ou clarineta mas, não cabe aqui a discussão. "Phorminx" foi primeiro uma lira ou

17. LAURAND-LAURAS, p. 657.

18. *Olimpicas* III, 8; VII, 12; *Neméias*, IX, 8; *Istmicas* V, 27.

19. YARZA, vbs.

harpa de três cordas, depois, de quatro e finalmente, de sete. Era um instrumento de origem oriental, bem como a música, nos seus modos dórico, lídio ou frígio.²⁰

A “phórminx”, pela aproximação de formas e de sons, era aparentada com a “péctis”, com a “sambýx” e com o “bárbito”. A “péctis”, como a “magadix”, tinha vinte cordas em duas escalas de oitavas. A “sambýx”, triangular, era chamada de “phórminx pâmphonos”, melodiosa e sonora, que emitia toda a sorte de sons. Sem nos esquecermos da harpa de Terpsícore²¹ nem da cítara.

Contracantava com os instrumentos de corda a “aulos” feita de taquara, madeira, marfim ou metal, com sua palheta (“glossis”). Era dessa clarineta o som que temperava simpósios ou orgias noturnas, os trabalhos no gineceu ou as alegres danças. Era um instrumento rico. O mais rico de então.

Assim, clarineta e instrumentos de cordas ajudaram a enriquecer a armadura vocabular nessa ode de Píndaro em cujo topo se lê:

DIAGORAI RHODIÔI PYKTĒI²²

Era Diágoras, filho de Damagetos, o herói celebrado na SÉTIMA OLÍMPICA. Homem de dois metros de altura, ou, exatamente, quatro côvados e cinco dedos, o que perfaz 1,96 m. Dele se poderia ter dito que era o atleta do século. Campeão periodônico,²³ assim chamado por ter vencido em Olímpia, em Neméia, no Ístmo e em Atenas. Precisamente: bicampeão em Olímpia, tetracampeão no Ístmo, campeão em Atenas e em Neméia.²⁴ E não só. Tratava-se também do supercampeão de Argos, da Arcádia, de Tebas, de Pelena, hexacampeão em Egina e campeão em Megara.

Nas festas de Argos, as “Heraia”, seu nome já fora gravado em bronze²⁵ em Megara.

20. DOS SANTOS. “Safo de Lesbos”, in: *Ensaio de Literatura e Filologia*, Vol. I, p. 61-63.

21. Musa da dança e do canto coral.

22. Para *Diágoras de Rodes*, o pugilista.

23. Vencedor de todos os quatro grandes jogos.

24. *Sétima Olímpica*, 147-151.

25. *Sétima Olímpica*, 152-153; 157-159.

Diágoras era um atleta sem par, além de pai e avô de campeões cujos nomes foram encontrados recentemente em socos de estátuas desenterradas em Olímpia. Assim, por exemplo, Damagetos, seu filho, foi campeão de pancrácio em Olímpia; outro filho seu, Dorieus, foi aí tricampeão da mesma modalidade; um terceiro, Acusilau, foi vencedor do pugilato, como o pai. E seus netos, Eudes e Peisirrhodos foram campeões em Olímpia e em Delfos.

Cícero, nas *Tusculanas*,²⁶ nos refere que, quando Acusilau e Damageto venceram em Olímpia, a multidão, em êxtase, carregou em triunfo aos dois e a seu pai Diágoras que era um dos espectadores.

É consabido que às mulheres era vedado assistir aos jogos olímpicos, exceção feita única e exclusivamente para a grande sacerdotiza de Deméter. Pois bem, dado o esplendor dessa família de campeões, a filha de Diágoras, Calipateira, obteve permissão para assistir aos jogos.

Tão fantástico foi esse herói que a fama acabou por supô-lo filho de Hermes, descendente de Tlepólemo.²⁷ E, porque não logo de Zeus-Pai?²⁸

Os Erátidas, sua família, eram de Iálysos e tinham por antepassado comum nada menos que o herói Calianax.²⁹

Envolto num nimbo de lendas e mitos sagrados, o grande herói dos jogos acabava por receber contornos divinos.

Desses mitos que dão forma de deus ao supercampeão, Píndaro, na *SÉTIMA OLÍMPICA*, expõe nada menos que três.

Em primeiro lugar, de rodianos históricos, da raça de Hércules através de Tlepólemo, provém Diágoras e os seus. Tudo começaria com o dia em que “o ilustre fundador de Rodes, num acesso de cólera, com seu rijo bastão de oliveira, bateu em Licymnios, que vinha do palácio de Medea e o matou”.³⁰

Consultado o oráculo, Tlepólemo recebeu deste o conselho de por-se ao mar e ir para uma terra “cercada pelos mares” onde Zeus fizera outrora chover “uma neve de ouro”, a ilha de Rodes.

26. I. 16.

27. *Sétima Olímpica*, 36-40.

28. *Sétima Olímpica*, 40-41.

29. *Idem*, 171.

30. *Ibidem*, 51-53.

Em segundo lugar, vem o mito do culto ao sol, ao grande deus Hélios, filho de Hipérion, que prescrevia aos rodianos um sacrifício à “Virgem da lança palpitante”. Mas, os rodianos, por esquecimento, subiram à acrópole sem sua chama sagrada. Como lembrete, Zeus enviou-lhes uma chuva, “uma chuva de ouro”.³¹ Depois disso, após corrigirem o engano, a “glória dos filhos do sol foi imensa” e os rodianos passaram a andar pelas estradas como figuras transfiguradas.

Essa ode triunfal se refere, na 5ª triáde, a vitórias anteriores de Diágoras. Mas a SÉTIMA OLÍMPICA é dedicada especialmente aos dois maiores jogos pan-helênicos, os de Olímpia e os de Delfos. Olímpia, a pátria dos jogos, por excelência, era a dileta de Zeus e Delfos era o santuário nacional. Por isso mesmo, o herói teve, como diz Píndaro sua glória celebrada “junto às águas do Alfeu e de Castália”. Alfeu é um rio que passa perto de Olímpia e Castália é uma fonte do Parnaso, perto de Delfos.

O cabeçalho da ode informa que Diágoras era um pugilista e foi no pugilato que ele conquistou a glória, a fama, as celebrações de poetas, estadistas, nobres e gente do povo. De toda a Grécia. É quase necessário ser um semi-deus para de tão pouco fazer tanto.

Quanto a Rodes, a ilha-ninfa, a “esposa do sol, filha marítima de Afrodite”³² é a terra de Diágoras. A ilha das três cidades sobre que o grande Zeus esparziu a chuva de ouro.

Quando os deuses repartiram a terra, Hélios, filho de Hipérion, estava ausente. E esqueceram-se dele. Ante seu posterior reclamo, Zeus fez sair do mar a ilha-ninfa de Rodes, “benfazeja para os homens e propícia aos rebanhos”, como ilha noiva do sol, “deus gerador dos raios penetrantes, mestre dos cavalos que sopram fogo.” Uniram-se ninfa e Hélio e tiveram sete filhos. De um deles houveram três netos: Camiros, Iálysos, Lindos, epônimos das três cidades da ilha.

A que mais nos importa é Lindos, onde, no templo de Palas, a de olhos de coruja, foi esculpida em ouro a SÉTIMA ODE TRIUNFAL DE PÍNDARO, uma sinfonia em ouro.

31. *Sétima Olímpica*, 90-91.

32. *Idem*, 25-26.

E Lindos ainda existe! E de seu templo as colunas dóricas em mármore róseo lançam sua imagem contra o mar azul sem fim. Só as colunas sobre a escarpa, muralha sobre o abismo do mar ante os olhos do céu, um silêncio gigante dorme extasiado.

O Colosso de Rodes, estátua de 32 metros de altura, ergueu-se um dia sobre essa ilha até cair durante um tremor de terra. Cem estátuas do deus Hélios, todas de cem pés de altura. Todas ruíram ao mesmo tempo e o oráculo de Delfos proibiu sua restauração.

Diágoras era de toda Rodes, mas principalmente de Iálysos, onde sua família exercera, antes, funções reais.

As escavações em Camiros (1853-1863) feitas por arqueólogos franceses e ingleses, descobriram máscaras de ouro, vasos de cerâmica, jóias e amostras de maravilhosa arquitetura. Tais achados se repetiram em Lindos e seus despojos enriquecem hoje os museus da Europa. E foi de Rodes que teve início a biblioteca de Alexandria.

No Mar Mediterrâneo e no Mar Egeu esprou-se a Grécia. De ilha em ilha, em pleno mar. Paros, Samos, Lesbos, as Cíclades e tantas outras! Pouco importa que Diágoras fosse de Lindos ou de Iálysos. Ele era de Rodes, a ilha-ninfa. O sentimento de comunidade de "póleis" seria germe do sentimento da comunidade que se derramaria, um dia, em espírito nacional.

Assim, a terra de Diágoras e de seu pai, Damageto, é a "Ilha das Três Cidades". A ele e ao pai, Píndaro celebra como "caros à Justiça. Vizinhos do esporão que projeta a imensa Ásia, eles habitam — todos os dois — a Ilha das Três Cidades, entre os valentes argivos." ³³

VI. A PLACA DE OURO — CONCLUSÃO

Não há mais a inscrição de ouro em luminosa placa contendo a SÉTIMA ODE TRIUNFAL OLÍMPICA em homenagem ao herói Diágoras. Os ventos e as chuvas aluíram o monumento. Os rapiantes levaram o ouro, o templo e o espírito olímpico. Resta a memória. O triste silêncio dos estádios após os espetáculos.

33. *Sétima Olímpica*, 31-35.

A placa de ouro celebrava o herói e, implicitamente, celebrava o poeta que exaltava o Rodiano, numa arquitetura de composição semelhante a um novelo de águas turbilhonando entre pedras de montanha.

Logo no início, uma comparação grande e larga, movimento amplo e elástico:

“Assim como um homem rico
Ergue na mão a fiala borbulhante
Do orvalho da vinha
E em nome de sua casa,
Bebendo à saúde de casa aliada,
Brinda ao jovem esposo
Um dom todo em ouro maciço,
Jóia de seu tesouro,
Também eu trago aos atletas vencedores
Esse dom das Musas,
Esse claro néctar,
Doce fruto do gênio,
E, com isso, homenagem
Os vencedores de Olímpia ou de Pitó.”

Se de ouro era a vitória, assim de ouro era o monumento feito de idéias e de sons, multicampainha dourada bimbando ao sopro do vento.

“Lira de ouro, herança de Apolo
E das Musas de tranças ornadas de violetas”.³⁴

Concluamos. De todas as poesias, a lírica pindárica é a que mais se assemelha à música. Não à música que jorra em trinados da garganta das aves, mas à que se baseia em estruturas, nas leis fundamentais do equilíbrio e da simetria, no efeito calculado: uma fuga de Bach, uma sonata ou sinfonia de Beethoven. Que isso justifique o título e me permita pôr fim a essas considerações.

34. *Píticas* — I, 1-2.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHEVALIER, Jean. *Les Grecs et les Romains*. Paris, Ed. Planète, sd.
- COPPOLA, Gofredo. *Introduzione a Pindaro*. Roma, Ed. Universale, 1931.
- CROISET, Alfred. *La Poésie de Pindare et les Lois du Lyrisme Grec*. Paris, Ed. Hachette, 1880.
- DIVERSOS. *Ensaio de Filologia e Literatura*. Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1978.
- HAMILTON, Edith. *The Greek Way*. London, Ed. Menthor Book, 1953.
- HORACIO. *Oeuvres Complètes*. Introdução, tradução e notas de Francis Richard. Paris, Ed. Garnier, 1950.
- KITTO, H. D. F. *Os Gregos*. Prefácio e tradução de José Manuel Coutinho e Castro Coimbra. Ed. Armênio Amado, 1980.
- LAURAND, L. et LAURAS, A. *Manuel des Études Grecques et Latines*. Paris, Ed. A. et J. Picard et C.^{ie}, 1962.
- MEILLET, A. *Aperçue D'Une Histoire de la Langue Grecque*. Paris, Ed. Hachette, 1955.
- NORWOOD, G. *Pindar*. Berkeley, University of California Press, 1945.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*. I Vol., Cultura Grega, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 5ª Edição, 1980.
- Pindare*. Introdução, tradução e notas de A. Puech. 4 volumes, Paris, Societé d'Édition "Les Belles Lettres", 1923.
- ROBINSON, D. M. *Pindar — A Poet of Eternal Ideas*. Baltimore, The John Hopkins Press, 1936.
- YARZA, Florencio I. Sebastián. *Diccionario Griego-Español*. Barcelona, Ed. Ramon Sopena, S. A., 1945.